



HABILIDADE MOTORA: RAZÕES E REFLEXÕES QUE LEVAM A EXCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Renata Vieira Monteiro – Mestrado - PPGEF/UGF
Ludmila Mourão - UFJF

Resumo:

Este projeto de pesquisa pretende compreender a problemática da exclusão por habilidade motora entre alunos (as) do 7º e 8º ano do ensino fundamental, em uma escola municipal da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O estudo será desenvolvido através de uma etnografia da Educação Física Escolar. Espera-se que seus resultados auxiliem professores (as) no enfrentamento das situações de aprendizagem em que a habilidade motora se constitui como um problema entre os (as) alunos (as) gerando a exclusão.

INTRODUÇÃO

A Pós-modernidade veio acompanhada de um progresso fantástico de âmbito tecnológico e, junto com este, mudanças culturais. Novas identidades e uma busca incessante do indivíduo pela definição de sua(s) identidade(s) gerou uma “crise de identidade”, que é visualizada quando se deslocam as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os pontos de referência que os indivíduos possuem (HALL, 2006).

Dessa forma, o processo pós-moderno fragmenta estruturalmente culturas de gênero, etnia, classes, sexualidade e nacionalidades, abalando a visão dos sujeitos unificados e integrados. Isto faz com que o indivíduo, em momentos distintos, assumam identidades diferentes.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem flutuar livremente. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo a apelo a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (*Ibid*, 2006, (p.75).

Hall (2006) e Giddens (1991; 2002) interpretam então que, como consequências da modernidade, surgem novas identidades culturais que provocam mudanças em um nível até da subjetividade e intimidade dos sujeitos.

Giddens (1995) aponta que a globalização promove a ampliação do tempo-espaco na vida local, provocando um desencaixe das instituições sociais tradicionais. O projeto da modernidade que era de superar os dogmas da tradição, no entanto, muito distante de conseguir elucidar uma verdade única, produziu diversidade e conseqüentemente



incertezas. A garantia de estabilidade baseada numa moral tradicional dissolveu-se e as múltiplas possibilidades de escolha fizeram com que as identidades do sujeito se tornassem fluidas e dependentes de uma reorganização constante do indivíduo.

Ao contrário da modernidade, o autor sinaliza que a ordem social construída na tradição valoriza a transmissão oral e os símbolos do passado para vincular a experiência das gerações. A tradição, para Giddens, é “*um meio organizador da memória coletiva*” (Ibidem p.82). Assim, a tradição opera construindo costumes locais que se tornam hábitos, estes são reforçados pelos rituais que tem como função garantir a familiaridade, ou seja, formar um ambiente seguro numa comunidade pela homogeneização de todas as pessoas. A herança cultural, que faz com que o indivíduo veja o mundo através de sua cultura, o leva a considerar que o seu modo de vida é sempre o mais correto. Esse etnocentrismo gera uma depreciação do comportamento dos que agem fora dos padrões aceitos majoritariamente pela comunidade, os quais passam a ser caracterizados como desviantes da sociedade (LARAIA, 2004).

O “estilo de vida” construído por meio da “auto-identidade como projeto reflexivo do eu” (GIDDENS, 2002), passa a ser fundamental para se construir uma narrativa coerente que dê sentido a existência de cada um. A tradição e a modernidade, como modos de vida social característicos de diferentes épocas, estão presentes na atualidade, ora se completando, ora entrando em desajustes. Suas representações são flexíveis, evolutivas e sensíveis ao contexto em que estão inseridas à sociedade em determinado tempo histórico, permitindo adaptações à realidade concreta, e as suas transformações.

Becker (1982) considera cultura como entendimento compartilhado que ajuda as pessoas a atuarem coletivamente. Se tivermos as mesmas idéias gerais em mente, dadas a priori, e convergimos às ações por essas imagens, o que as pessoas fazem se adequará em conjunto. O processo cultural, então, consiste em pessoas agindo de acordo com seu entendimento do que os outros devem fazer sob as circunstâncias dadas. Assim, as pessoas fazem coisas juntas. Entretanto, segue o sociólogo, considerando que duas situações nunca são iguais, as soluções culturais que podem emergir são apenas aproximações. Com isso, continuamente, as pessoas precisam equalizar as situações de entendimento com os outros. As pessoas, então, além de ter um mapa de orientação, também criam cultura continuamente ao resolver as situações de contingência. Esses mesmos valores que formam as bases estruturais da sociedade acabam gerando processos preconceituosos e discriminatórios, quase naturais, que se desfiguram na exclusão social.

O princípio da inclusão na Educação e porque não dizer na sociedade vem, nos últimos anos, fundamentando diversas ações, com objetivo de proporcionar a todos os indivíduos o acesso e a permanência nas classes regulares de ensino e nas atividades das diversas esferas sociais.

Novos desafios são enfrentados pelos educadores, é exigido uma ampliação da compreensão dos fenômenos sociais, para uma prática educativa coerente com a realidade vivida por seus alunos, neste caso, é necessário que o docente tenha um entendimento sobre a dialética inclusão-exclusão aliada ao desenvolvimento psicossocial e motor de seus alunos nas aulas de Educação Física Escolar (EFE).

A partir da década de 1980, pesquisas realizadas na área da EFE tiveram um crescimento vertiginoso. Inseridas em um contexto de transformações políticas e de fortalecimento de pedagogias progressistas no Brasil, passaram a refletir sobre novas possibilidades didáticas e novos conteúdos para a EFE, criticando fortemente o movimento tradicional da Educação Física brasileira que era de conteúdo esportivizante. Esse



movimento é conhecido como Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física Brasileira que estava preocupado com a formação de um indivíduo crítico, reflexivo, autônomo e emancipado, passando assim, a serem trabalhados na perspectiva da cultura corporal de movimento. Contudo, apesar da importância desse movimento, que possibilitou o surgimento de outros olhares para se pensar a relação da Educação Física com a escola, há uma considerável distância entre o que é pensado e defendido pelo campo acadêmico e aquilo que de fato ocorre no dia-a-dia das aulas. Essa distância também é observada, em muitos casos, entre os documentos curriculares escritos e os currículos vividos nas escolas. Nem sempre aquilo que se pensa para a Educação Física se aproxima do que é vivenciado no cotidiano. Isso pode ser corroborado por do Silva e Devede (2009), pois mostram que os avanços teórico-científicos não propiciavam a aplicação, na prática, da teoria disponível.

Literaturas como a de Soares *et al* (1992), os Parâmetros Curriculares Nacionais para cada segmento/ciclo da educação (1997), bem como, Darido (2003), destacam esta preocupação. Esta última aponta para uma prática educativa mais coerente com a realidade e as vivências dos alunos, buscando um ambiente inclusivo de educação integral, contemplando o indivíduo em todas as suas dimensões.

Frequentemente nos estudos de gênero e EFE, é identificada, mais quase nunca analisada, a capacidade de algumas meninas conseguirem jogar efetivamente com os meninos, descortinando a homogeneização do gênero feminino e colocando na mesa de negociação o desejo e interesse pela prática dos esportes, assim como alguns meninos demonstram desinteresse pelas práticas de atividades competitivas coletivas. Que conjunção de fatores, intrínsecos ou extrínsecos, levaria uma menina a optar por uma rota desviante da que a cultura ou a sociedade informam a ela e a todos como ação normal? E que fator leva um menino a ser excluído de uma atividade física em que existe confronto de equipes?

O papel social designado para as mulheres, construído ao longo da história, está relacionado a atividades ligadas ao comportamento de passividade, submissão e exigência dos padrões de beleza da feminilidade. Segundo Mourão, relatando o século passado, “*a simples prática de exercícios pela mulher representava socialmente uma violência a sua estética corporal, uma ameaça a sua graciosidade e beleza*” (1996, p.63). Demonstrando a força desse papel refletido no campo do esporte apontava-se a natação, a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), as ginásticas, as danças e o voleibol como atividades sugeridas e incentivadas às mulheres e as modalidades de lutas ou esportes coletivos de confronto (DUNNING, 1992), como futebol e handebol, desaconselhadas ou até mesmo proibidas por lei (MOURÃO 1996; SOARES, LEAL, LOVISOLO 1996; SARAIVA 2005).

Estes trabalhos, porém, registram a participação de mulheres nos esportes coletivos de confronto já neste período. Ou seja, apesar das condições culturais mais amplas, parece que elas já encontravam brechas, que transgrediam o conjunto de normas estabelecidas para elas. Esta movimentação do feminino no esporte é um exemplo característico do que Giddens (2002) e Hall (2006) definem, em um contexto mais amplo, como o cenário da alta modernidade, ou modernidade tardia.

A participação nos esportes coletivos de confronto de algumas meninas na escola se repete no espaço do lazer onde elas estão presentes. Então, se existe a participação de mulheres na escola e no lazer, mesmo que poucas, a condição de ser mulher por si só não explica completamente o contexto da exclusão. É necessário que se entenda, em quais



situações, de que forma e em qual condição as mulheres participam, ou não participam dessas modalidades. É preciso compreender as interações sociais mais diretas, para identificar como cada grupo, ou mesmo cada pessoa, se movimenta nessa cultura escolar. Muitos trabalhos discutem a temática da exclusão dentro da EFE e os fatores associados à sua ocorrência. A maioria desses estudos direciona sua visão para as relações de gênero, raça, estereótipos da cultura e características físicas dos indivíduos (Altmann 2002; Fraga, 1995; Júnior e Darido, 2002; Romero e Bronsato, 2001; dentre outros). Ressalta-se, entretanto, que estudos mais recentes, como os desenvolvidos por Altmann (2002) e Duarte e Mourão (2006), destacam outro tipo de exclusão dentro das aulas de EFE, denominada exclusão por habilidade dos indivíduos, a qual se revelou encoberta pelo preconceito de gênero. A categoria gênero vem sendo discutida neste contexto, não como a única, mas como um dos entraves para a inclusão de meninos e meninas, entretanto observa-se que este fenômeno de exclusão também ocorre apenas entre meninos e entre meninas (Devide *et al*, 2010). Sendo assim aprofundar os conhecimentos sobre a habilidade deles e delas nas aulas pode vir a iluminar melhor o tema.

Esta temática não é tratada de forma a explicitar quais as razões que levam a tais diferenças de gênero, desta forma avalia-se como relevante a produção de novos estudos para que sejam desenvolvidas estratégias de enfrentamento sócio-pedagógico à mesma e para que possam auxiliar os professores de Educação Física em sua intervenção nas aulas de EFE, bem como levá-los a refletir sobre os fatores que levam à exclusão pela diferença de habilidade motora de alguns alunos(as) na sua turma.

OBJETIVO

GERAL

Compreender como ocorre a exclusão por diferença de habilidade entre os (as) alunos (as) do 7^a e 8^o ano do ensino fundamental, nas aulas de EFE, e quais as intervenções feitas pelos professores para discutir sobre as possibilidades de enfrentamento sócio-pedagógico à problemática da exclusão por habilidade entre alunos (as) na EFE.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Descrever as características demográficas, sócio-econômicas e motivacionais em relação as aulas de EFE dos (as) alunos (as) do 7^a e 8^o ano do ensino fundamental de uma escola municipal na cidade do Rio de Janeiro;
- b. Analisar as situações de exclusão por diferença de habilidade dos (as) alunos (as) 7^a e 8^o ano do ensino fundamental, nas aulas de EFE;
- c. Descrever e analisar as intervenções feitas pelos (as) professores (as) a partir de situações de exclusão observadas nas aulas de EFE;
- d. Discutir sobre as possibilidades de enfrentamento sócio-pedagógico da exclusão por habilidade com os professores (as).

METODOLOGIA



Será realizado um estudo de caso, em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, localizada na Zona Norte, em uma região conflagrada pela violência, de elevada densidade populacional, com alto índice de gravidez precoce, tráfico de drogas e condições precárias de saneamento básico.

Em 2009, esta escola foi considerada como Área de Especial Interesse Social, para fins de urbanização e regularização fundiária, no projeto de lei Nº 447/2009, desenvolvido por um Vereador da cidade, este tem a intenção de contribuir para ampliar os direitos de cidadania dos moradores, conter o crescimento predatório, instituindo regras para melhorar as condições de habitabilidade e proteger o meio ambiente.

Em relação à educação, o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2009, nos mostra que a escola selecionada encontra-se com valores abaixo da média do município do Rio de Janeiro, tanto para a 5º ano quanto para a 9º ano. No 5º ano encontramos a diferença de 1,8 entre a escola escolhida e o município do Rio de Janeiro, já para o 9º ano essa diferença é de 0,3. Os resultados obtidos não corresponderam às metas projetadas a serem alcançadas pela escola.

A etnografia será a abordagem utilizada na pesquisa. , A idéia é conhecer todas as circunstâncias que ocorrem para gerar a exclusão relacionada à questão motora do indivíduo, verificando tudo que se passa em torno dele, bem como todos os envolvidos, para poder desvendar a complexidade da situação foco do estudo. Becker (2007) é o autor que tem sido orientador desta perspectiva metodológica no estudo.

Nestas observações, serão acompanhadas as aulas de EFE, com o foco voltado para a habilidade motora manifesta pelos alunos nas atividades propostas, que gerem situação de exclusão dos (as) alunos (as) e as intervenções realizadas pelos professores, nestas ocasiões. A observação terá a duração de um semestre letivo, e será acompanhada através de um Diário de Campo/Aula para os registros das situações relevantes visando o objetivo da pesquisa.

Juntamente com a etnografia será aplicado aos alunos (as) um questionário que pretende verificar o perfil sócio demográfico e econômico, bem como os aspectos motivacionais do grupo, e a percepção que os alunos têm sobre exclusão e inclusão nas aulas de EFE. Com os (as) professores (as) será utilizada uma entrevista que visa revelar como o professor realiza a escolha do (s) conteúdo (s) que será desenvolvido na turma, propõe-se também, confrontar os dados adquiridos na observação sistemática das aulas (diário da aula), com a percepção do professor para situações de exclusão por habilidade dos (as) alunos (as), tendo em vista suas propostas de trabalho desenvolvidas.

Estaremos atentos para os elementos cruciais das situações, pensando o objeto estudado como uma máquina, da qual tentamos entender todo o contexto que está em volta do nosso ponto principal de estudo. Considerando este pensamento, foi desenvolvida uma ficha de observação da escola, que tem a intenção de traçar um perfil estrutural da escola propondo-se mapear a influência do ambiente escolar no comportamento dos alunos (BECKER, 2007).

Os instrumentos estão em processo de validação qualitativa, sendo analisados por juízes, especialistas na área. O projeto de pesquisa será submetido ao comitê de ética em pesquisa da UNIVERSIDADE GAMA FILHO e, após a aprovação, será iniciada a coleta de dados. Todos os dados serão coletados mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido pelos pais dos alunos e pela escola.



RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que os resultados desse estudo possam subsidiar as propostas pedagógicas da disciplina Educação Física Escolar, ampliando a inclusão dos alunos do Ensino Fundamental e Médio nas aulas, a partir do aprofundamento das características dos alunos, suas motivações e habilidades adequando as estratégias, metodologias e conteúdos as diferenças culturais e de habilidade motora existentes. Este tem sido um problema enfrentado pelo professor e pontuado em estudos recentes (ABREU 1990; ALTMANN 1994; OLIVEIRA 1996; DUARTE, 2003) que provoca exclusão e auto-exclusão nas aulas de Educação Física Escolar. Desta forma esta pesquisa caminha no sentido de explorar o tema e subsidiar maior compreensão do problema para contribuir com um nos dilemas do cotidiano dos docentes e discentes nas aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, N. G. **Meninos para cá, meninas para lá**. Rio de Janeiro: UGF, 1990. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

ALTMANN, H. Intenção e intencionalidade observadas nas aulas de Educação Física. *In: I Encontro Nacional de PETs de Educação Física*, 1994, Maringá. Anais., 1994. p. 11-11.

ALTMANN, H. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Revista Motus Coporis (UGF)**. v.9, nº1, p.9-20. Rio de Janeiro, Maio 2002.

BRASIL.Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental** / – Brasília: MEC/SEF, 1998

BECKER, H. S. **Segredo e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BECKER, H. **Art Worlds**. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1982.

BRONSATO, T., ROMERO, E.. Relações de gênero e de desempenho físico e motor de alunos submetidos aos testes de eurofit. **Revista Movimento (ESEF/UFRGS)**, América do Norte, 7, dec. 2007. Disponível em:<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2620/1249>. Acesso em: 29 Aug. 2010.

DARIDO, S. C. . **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S.C; SOUZA JR, O.M. de. A pratica do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Revista Motriz (Rio Claro)** v.8, n. 1, p. 1-9, abr. 2002.



DEVIDE, F. P. *et al* . Exclusão intrasexo em turmas femininas na Educação Física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: Jorge Knijnik; Renata Zuzzi. (Org.). **Meninas e meninos na Educação Física: Gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

DUARTE, C. P.. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

DUARTE, C., MOURÃO, L.. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Revista Movimento (ESEF/UFRGS)**, América do Norte, 13, dec. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2924/1558>. Acesso em: 29 Aug. 2010.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FRAGA, A.. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Revista Movimento (ESEF/UFRGS)**, América do Norte, 2, aug. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2197/918>. Acesso em: 29 Aug. 2010.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Giddens, Becker, *et al* (Org.). **Modernização reflexiva**. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. **A transformação do Intimacy: Sexuality, amor e Eroticism em sociedades modernas**. Cambridge: Polity. 1992

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11.Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, R.. **Cultura: Um conceito antropológico**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, S. (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.

OLIVEIRA, G. K. de. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais**. Campinas: UNICAMP,



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

1996. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SALLES-COSTA, R. *et al* . Associação entre fatores sócio-demográficos e prática de atividade física de lazer no Estudo Pró-Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, Aug. 2003. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000400031&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Aug. 2010. doi: 10.1590/S0102-311X2003000400031.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2.Ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SILVA, C. F. DA, DEVIDE, F.. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, América do Norte, 30, fev. 2009. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE&page=article&op=view&path%5B%5D=444&path%5B%5D=360>. Acesso em: 29 Ago. 2010.

SOARES, A. J. G.; LEAL, T. P.; LOVISOLO, H. A formação dos corpos femininos no início do séc. XX. In: VOTRE, S. (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Ed Central UGF, 1996.

SOARES, C. L. *et al*. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Endereço: Rua Venâncio Ribeiro, nº109 / 703 – Engenho de Dentro – RJ

Endereço eletrônico: rvmonteir@gmail.com

Tecnologia de apresentação do trabalho: Data-show